



**CONGRESO
IBEROAMERICANO**
DE CIENCIA, TECNOLOGÍA,
INNOVACIÓN Y EDUCACIÓN

BUENOS AIRES, ARGENTINA
12, 13 Y 14 DE NOVIEMBRE 2014

**CONGRESSO
IBERO-AMERICANO**
DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA,
INOVAÇÃO E EDUCAÇÃO

BUENOS AIRES, ARGENTINA
12, 13 Y 14 DE NOVIEMBRE 2014

**Mecanismo tecnológico de definição do perfil
socioeconômico-cultural dos/as discentes do Curso
noturno de Licenciatura em Química do Instituto
Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás -
IFG: motivação para leitura literária**

JOSÉ, A. B.; MELO, F. R.; CASTRO, M. A.; SOUZA, M. A. R.;
GUIMARÃES, M. B. H.

Mecanismo tecnológico de definição do perfil socioeconômico-cultural dos/as discentes do Curso noturno de Licenciatura em Química do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás - IFG: motivação para leitura literária¹

Autores(as)

Alexandre Bellezi José - abjucg@gmail.com (Membro do NETI²/IFG)

Maria Aparecida de Castro - mar.apareci.c@gmail.com (Membro do NEPEINTER³/IFG)

Maria Aparecida Rodrigues de Souza - mcidarsouza@gmail.com (Membro do NEPEINTER/IFG)

Milena Bruno Henrique Guimarães – milenabhg@yahoo.com.br

Colaborador

Francisco Ramos de Melo – francisco.melo@ueg.br

RESUMO

O tema motivação para leitura literária categorizada utilizando novas tecnologias têm como sujeitos os/as discentes do Curso noturno de Licenciatura em Química do Câmpus Inhumas do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás (IFG). Entendemos que o discente usufruirá melhor do acervo literário da biblioteca se receber dicas de leitura baseadas no seu perfil socioeconômico-cultural. Levantamento realizado nos arquivos da biblioteca do IFG-Câmpus Inhumas, aponta baixo índice de leitura literária por parte dos licenciandos em Química. Talvez as estratégias de motivação para a leitura não estejam sendo eficazes por falta de definição de perfil dos leitores(as). A leitura literária pode contribuir para a emancipação e cidadania. Faltam mecanismos tecnológicos de incentivo à leitura. Para Freire (2006) a leitura da palavra faz com que o sujeito tome consciência da realidade que o cerca e possa intervir na mesma. Utilizar a tecnologia para motivar a leitura exige coleta de dados, através de questionários para identificar o perfil socioeconômico e cultural dos/as discentes, e utilizá-lo como instrumento para seleção e indicação de sugestões individualizadas de leitura literária. Propõe-se com essa pesquisa a construção de um banco de dados com o perfil socioeconômico-cultural dos/as discentes do Curso de Licenciatura em Química com possibilidades de aplicação a outros tipos de leitores.

Palavras-chave: Leitura literária categorizada; Motivação; Perfil socioeconômico; Mineração de dados

¹ Resultado parcial do projeto de pesquisa cadastrado e financiado pelo PROAPP/IFG/2014-2015 intitulado "Perfil psicológico dos discentes do curso de licenciatura em Química do IFG-Câmpus Inhumas e a motivação para leitura". O projeto conta com a colaboração de dois bolsistas (Brendo Carlos Caetano Medeiros e Lucas Ribeiro de Castro).

² Núcleo de Estudos e Pesquisas em Tecnologia da Informação

³ Núcleo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares

1 INTRODUÇÃO

A formação de leitores literários deve ser uma das metas do ensino escolar. A motivação do(a) leitor(a) resulta do encontro entre o *mundo do leitor* e o *mundo do texto* este é sempre um processo cognitivo, mas que pode ser fomentado pela tecnologia. E as bibliotecas em parceria com professores(as) podem assumir um papel relevante na motivação para a leitura literária.

A formação e motivação do leitor e da leitora é um processo gradual, que se inicia na infância e tem continuidade ao longo de toda a vida. As competências de leitura e de escrita são um bem essencial, determinante na formação da personalidade e dos níveis de desenvolvimento humano do sujeito.

As atividades de leitura e de escrita influenciam no desenvolvimento cognitivo do sujeito e moldam a sua visão, “sua leitura de mundo” (FREIRE, 2006), que será tanto mais crítica e ampla, quanto mais ricas e diversificados forem as suas leituras.

Como a escola e a biblioteca tem contribuído na formação de leitores literários?

A formação de um leitor literário significa a formação de um leitor que saiba escolher suas leituras, que aprecie construções e significações verbais de cunho artístico, que faça disso parte de seus afazeres e prazeres. Esse leitor tem de saber usar estratégias de leitura adequadas aos textos literários, aceitando o pacto ficcional proposto, com reconhecimento de marcas linguísticas de subjetividade, intertextualidade, interdiscursividade, recuperando a criação de linguagem realizada, em aspectos fonológicos, sintáticos, semânticos e situando adequadamente o texto em seu momento histórico de produção (PAULINO, 2004, p. 56).

A escola assumiu para si a decisão a respeito da adequação de textos e a legitimação de determinadas práticas de leitura, na tentativa de defender e valorizar o que selecionou ser importante para formar leitores. Assim, a escolha dos textos que serão “trabalhados” é feita de maneira arbitrária, o que quase sempre provoca nos(as) discentes uma certa aversão pelos livros.

Cabem juntas, à escola e à biblioteca, um papel fundamental na formação do(a) leitor(a). Elas, através do professor(a) e do(a) bibliotecário(a), devem respeitar a leitura de cada discente e ter em mente que “cada leitor, a partir de suas próprias referências, individuais ou sociais, históricas ou existenciais, dá um sentido mais ou menos singular, mais ou menos partilhado, aos textos de que se apropria” (CHARTIER, 1996, p. 20).

A escola e a biblioteca são lugares privilegiados de motivação da leitura. Tanto a biblioteca, quanto a sala de aula são espaços onde os(as) discentes têm oportunidade de crescer de forma assistida na compreensão e no prazer de ler. A leitura no contexto escolar é uma leitura analítica que privilegia a compreensão de texto, mas que pela característica de ensino formal da leitura, pode afastar leitores e leitoras dos textos, não só pelo estatuto de obrigatoriedade que assume nas atividades de leitura, mas também devido à rotina enfadonha em que se desenrolam essas atividades (PENNAC, 1993).

Nesse contexto escolar desmotivador em relação à prática da leitura é desafio aos educadores que buscam a formação e motivação de leitores mostrarem que a leitura literária pode “nos tornar ainda mais próximos dos outros seres humanos que nos cercam, nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver” (TODOROV, 2009, p. 76).

Os problemas e as dificuldades referentes à formação de leitores literários têm sido objeto de muitas pesquisas nos últimos tempos, talvez pela percepção de seu potencial para a formação humana integral

a literatura abre ao infinito essa possibilidade de interação com os outros e, por isso, nos enriquece infinitamente. Ela nos proporciona sensações insubstituíveis que fazem o mundo real se tornar mais pleno de sentido e mais belo. Longe de ser um simples entretenimento, uma distração reservada às pessoas educadas, ela permite que cada um responda melhor à sua vocação de ser humano. (TODOROV, 2009, p.23).

Esse potencial da leitura literária de extrapolar o prazer da leitura de um bom texto, de um texto clássico para incidir na formação geral do sujeito incluindo a cidadania. É a partir desse potencial transformador da leitura literária que buscamos caminhos de motivação para os sujeitos da nossa pesquisa. O ato de ler segundo Paulo Freire (2006) propicia do desenvolvimento crítico que caminha lado a lado para efetivação da autonomia. Nesse enlace a motivação para a leitura literária corrobora também no processo de interligação entre as teorias e práticas sociais.

2 LEITURA LITERÁRIA E CIDADANIA

Se emancipar e exercer a cidadania é condição *sine qua non* para que o ser humano se realize em todo seu potencial. Qual é o papel da leitura, da literatura, do letramento literário nesse processo de formação de seres autônomos, críticos e aptos a se posicionar diante da realidade posta?

No livro *Leitores para sempre*, Demo afirma que

lemos para dar conta da realidade e de todos os desafios que dela recebemos ou a ela impomos. A cidadania é a referência maior. Uma democracia de qualidade só é possível com uma população que sabe pensar. Saber pensar inclui, entre outros ingredientes, saber ler (DEMO, 2006, p. 7).

Estamos vivendo na sociedade da informação onde o domínio da leitura se faz crucial ao cidadão e à cidadã para que o ato de pensar seja realizado de maneira autônoma e potencial. Nossa perspectiva de leitura se fundamenta tanto nas noções de Demo (2006) quanto de Paulo Freire e Ferreiro (BRITTO, 2003) para quem ler ultrapassa em muito a decodificação alfabética, e atinge a habilidade de compreensão, interpretação e inferência na realidade. Em outras palavras a leitura implica em qualidade formal e política. “Por qualidade formal entende-se a habilidade de teor mais técnico, incluindo o manejo dos códigos. Por qualidade política entende-se a habilidade de saber o que fazer com leitura e escrita, em especial mudar a realidade” (DEMO, 2006, p. 15).

Barbosa (1994) afirma que o domínio da escrita está sempre associado ao desenvolvimento político-cultural e econômico de um povo. Ao longo da história saber ler sempre esteve associado ao questionamento, ao criticismo, a emancipação. Formar sujeitos pensantes significa colocar o leitor em diálogo constante com os clássicos que ajudaram a construir a cultura, a ciência e a história da humanidade. E ao mesmo tempo discutir, analisar e refletir sobre os problemas que a contemporaneidade apresenta como desafios (PUCCI, 2008).

Ler significa questionar, saber articular o lido com outros contextos. Ler implica dominar a sintaxe (gramática), mas consoma-se na semântica (interpretação). “Ler carrega consigo o que já lemos, é perpassado pelo legado de outras leituras, reestruturando em novo patamar. Ler não é absorver um texto, mas desfazê-lo na condição de sujeito” (DEMO, 2006, p. 27).

A leitura bem feita

é formativa, no sentido de que reestrutura as ideias e expectativas, reformula os horizontes. Nem toda leitura precisa ser assim tão séria, mas toda leitura bem feita ocorre sob o signo do questionamento, porque, quem não sabe pensar, acredita no que pensa. Mas quem sabe pensar, questiona o que pensa (DEMO, 2006, p. 27).

Em *A importância do ato de ler*, Freire destaca que

desde muito pequenos aprendemos a entender o mundo que nos rodeia. Por isso, antes mesmo de aprender a ler e a escrever palavras e frases, já estamos “lendo”, bem ou mal, o mundo que nos cerca. Mas este conhecimento que ganhamos com nossa prática não basta. Precisamos ir além dele. Precisamos conhecer melhor as coisas que já conhecemos e conhecer outras que ainda não conhecemos (FREIRE, 2006, p. 71).

Nesse sentido ler promove a cidadania pelo fato de nos levar a conhecimento das coisas. Leitura e educação são faces da mesma moeda. Brandão (2007, p. 99) afirma que “reinventar a educação” é uma expressão cara a Paulo Freire e “reinventar” remete a ideia de que a educação é uma invenção humana. Freire ao fazer a crítica da educação capitalista, que chamou de “educação bancária” ou “educação do opressor”. Freire sempre quis fugir da visão estreita de que educação se confunde com escolarização e se encontra só no “formal”, “oficial”, “programado”, “técnico”, “tecnocrático”. A educação enquanto uma aventura humana se dá em toda parte e traz em seu bojo a premissa de sacudir e questionar tudo que está consagrado, em nome do que vem pelo caminho (BRANDÃO, 2007, p. 110).

Formar leitores é intuito básico de qualquer projeto educativo. E o letramento literário, a leitura dos clássicos “é sempre um exercício de colocar em xeque a sua própria vivência, a sua própria história, o seu próprio conhecimento da vida” (SISTO, 2012, p. 12). E assim projetos, ações que busquem motivar leitores para ler literatura de qualidade.

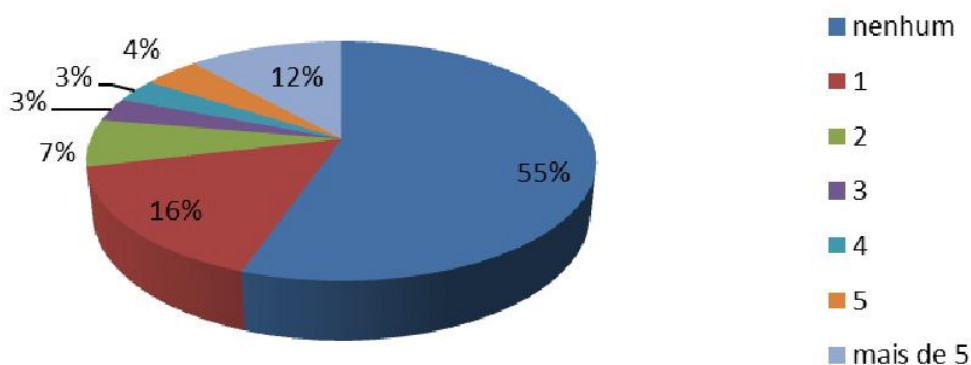
No livro “Como e por que ler os clássicos universais desde cedo” Ana Maria Machado (2002, p. 22) ressalta que os clássicos ampliam nossa vida. Os clássicos não tem prazo de validade, nem perdem a garantia. Os clássicos são aqueles livros trazem consigo as marcas das leituras que precederam a nossa. E trazem atrás de si os traços que deixaram na cultura ou nas culturas que atravessaram.

Um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer. E ainda os clássicos são livros que, quanto mais pensamos conhecer por ouvir dizer, mais se revelam novos, inesperados, inéditos quando são lidos de fato (MACHADO, 2002, p. 23).

A leitura literária segundo Machado (2002, p. 135) tem efeitos diferentes em cada leitor. Mas todo leitor termina as páginas de um clássico transformado. Para sempre diferente do que era quando começou a primeira página. Difícil medir como e quanto. É uma navegação imprecisa. Mas é uma experiência inigualável.

Motivar leitores para que leiam mais e melhor e façam uma leitura crítica podendo opinar, discutir, argumentar, refutar o que leram, é indispensável na busca da

Percentual de empréstimos de obras literárias pelos discentes de Licenciatura em Química



cidadania, da democracia, da equidade social. A prática da leitura em todas as suas nuances, incluindo a leitura literária abre caminhos para que o leitor construa uma visão mais crítica diante da realidade cultural, sócio-histórica e econômica em que vive. Além é claro de ser uma delícia irresistível: ir se deixando fascinar, se permitindo ser conquistado por aquelas palavras e ideias, tentando ao mesmo tempo conquistar e vencer as dificuldades da leitura. “É a busca do prazer difícil” (BLOOM, 2001).

A ausência do desejo de ler obras literárias na fase adulta, principalmente, nos futuros profissionais da educação é recorrente. Na pesquisa empírica que realizamos inicialmente para propor esse estudo identificamos o baixo índice de leitura de acadêmicos/as de Licenciatura em Química do IFG-Câmpus Inhumas, conforme representado na Figura 1.

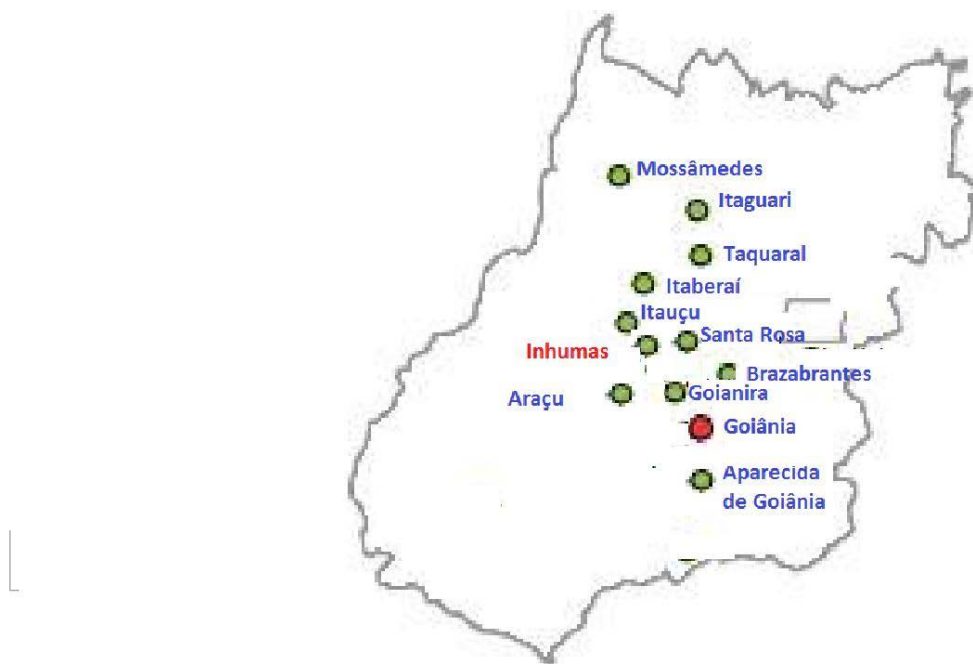
Fonte: dados da pesquisa.

Nesse sentido, estudar quais os determinantes da não motivação para leitura literária por esse público e a possibilidade de utilização das novas tecnologias como mecanismo de identificação do perfil de usuário/a da biblioteca seria um possibilitador de sinalizar estratégias de incentivo à leitura literária.

Segundo Vergara (2003) os sujeitos interessam-se por algo a partir do momento que estão motivados. Partindo desse pressuposto, o interesse do/da discente de Licenciatura em Química pela leitura não seria diferente. O/A discente só vai ler aquilo que se enquadre em seu perfil.

3 TECNOLOGIA E MOTIVAÇÃO PARA A LEITURA LITERÁRIA

Estudos revelam que as mídias são fundamentais para a formação da opinião pública no mundo atual, por promover uma mediação de grande alcance e audiência (BESSA, 2006). Isso acontece se o sujeito estiver motivado. Estar motivado para leitura literária na fase adulta envolve uma multiplicidade de fatores, dentre eles o fator tempo, quando se trata de sujeitos que trabalham e estudam, como é o caso dos/das discentes do Curso noturno de Licenciatura em Química do IFG-Câmpus Inhumas,



esse, entre outros fatores, sem dúvida é um fator que deve ser levado em consideração.

Avaliamos que nesse trabalho de pesquisa a contribuição metodológica de Marx (1983) é fundamental, pois nos permite superar a problemática simplista da causa-efeito. Para Marx (1983), a compreensão de um fenômeno pressupõe a descoberta de suas múltiplas determinações e principalmente sua determinação fundamental, ou seja, a determinação que é constituinte do fenômeno, mas que é acompanhada por outras determinações que nos permitem aprendê-lo em seu caráter concreto.

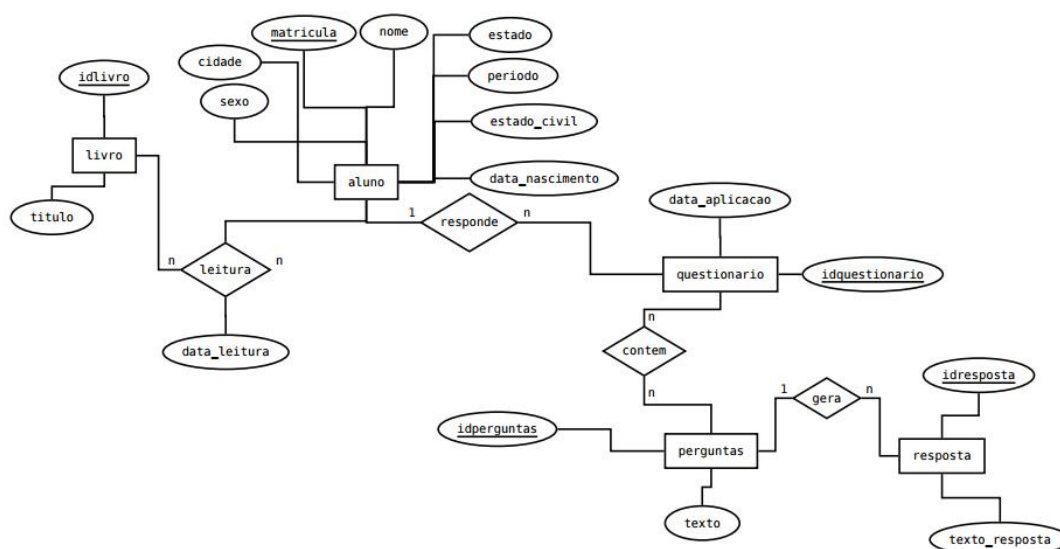
Desta forma, a questão passa a ser: qual é a determinação fundamental para se ler ou não ler uma obra literária? Para responder a esta questão podemos lançar mão das contribuições da Ciência da Informação, bem como da Psicologia da Aprendizagem e da Sociologia da Educação. Um dos determinantes identificados na pesquisa até o momento é a localidade de residência de cada discente, ou seja, a distância de onde moram os/as discentes até chegar ao Câmpus Inhumas-IFG poderia ser um fator de impacto na motivação geral desses discentes, incluindo a motivação para a leitura, conforme ilustra a Figura 2.

Figura 2: Onde residem os/as discentes de Licenciatura em Química do IFG-Câmpus Inhumas

Fonte: Dados da pesquisa

Pela figura 2 percebe-se que os/as discentes são do mesmo estado, mas precisam se deslocarem da cidade onde residem a um local comum que é o IFG-Câmpus Inhumas. Esses discentes têm interesses, necessidades, valores culturais, econômicos e sociais diferentes, conseqüentemente, sua motivação também o será. Nesse cenário a motivação para leitura e outras motivações, é um processo que se configura a cada momento da vida do sujeito, impulsionado por uma força interna. Mas o estímulo (externo) também pode nos levar a motivação (VERGARA, 2003).

As novas tecnologias de informação e comunicação (TICs), internet somado a *software* de mineração de dados, sendo utilizados como mecanismo tecnológico de identificação de perfil de leitores/as teriam um papel importante no processo de



motivação de leitores(as), no caso os/as discentes de Licenciatura em Química. Na nossa perspectiva a tecnologia pode ser uma grande aliada na formação de leitores/as. Nesse projeto de pesquisa a tecnologia tem sua relevância no processo de construção do perfil dos(as) discentes com vistas a motivação para a leitura literária no sentido de ajudar-nos na identificação dos sinais que indicariam caminhos para a motivação para a leitura.

Para construção de um banco de dados com o perfil psicológico e socioeconômico dos discentes de Licenciatura em Química realizamos um estudo do *software Weka 3* buscando esclarecer exatamente como é, e para o que é usada a mineração de dados e quais os softwares trabalham com processo de refinamento de dados.

A WEKA é uma das melhores ferramentas livres. Possui uma série de algoritmos para as tarefas de mineração. Os algoritmos podem ser aplicados diretamente da ferramenta, ou utilizados por programas Java. Fornece as funcionalidades para pré-processamento, classificação, regressão, agrupamento, regras de associação e visualização (Abernethy, 2010).

A mineração de dados (*Data Mining*) consiste em um processo que oferece os meios necessários para a descoberta de conhecimento interessante em bancos de dados. Este processo baseia-se na utilização de *softwares* inteligentes, que são capazes de vasculhar grandes bases de dados de modo eficiente (ou seja, com certa rapidez) e revelar para o(a) usuário(a) todas as informações que sejam consideradas como potencialmente úteis. Em geral, o conhecimento descoberto pela mineração de dados é expresso na forma de regras e padrões (GONÇALVES, 2013).

No processo de estudos e pesquisas já construímos o modelo conceitual de como seria nosso banco de dados, conforme apresentado na

Figura 3: Modelo Conceitual

Fonte: Dados da pesquisa

O leitor é um texto plural (Barthes, 1970) que se vai construindo em interação com a multiplicidade de textos que vai tendo oportunidade de ler. Esta relação leitor/texto/contexto tem por base a idiossincrasia de cada leitor(a), a sua história de vida e as suas motivações e por isso é sempre uma relação subjetiva que nos conduz a algumas questões. Em contexto escolar, como é que os(as) alunos(as) se aproximam dos textos? Que fatores estão na base das escolhas das leituras dos/as discentes do Curso noturno de Licenciatura em Química do IFG-Câmpus Inhumas? Quais critérios e objetivos movem os/as discentes de Química na escolha de suas leituras? O que motiva o/a discente do Curso de Licenciatura em Química do IFG-Câmpus Inhumas a ler literatura?

Segundo Antonio Candido, em *Formação da Literatura Brasileira* (2007, p. 529), uma literatura só pode ser considerada madura quando recusa “o valor aparente do comportamento e das ideias” e quando o ficcionista empreende uma profunda pesquisa psicológica de seus personagens. Ainda segundo o mesmo autor,

na medida em que atua deste modo, o romance tem para nós uma função insubstituível, auxiliando-nos a vislumbrar em nós mesmos, e nos outros homens (e mulheres), certos abismos sobre os quais a vida de relação constrói as suas pontes frágeis e questionáveis. [...] Uma literatura só pode ser considerada madura quando experimenta a vertigem de tais abismos (CANDIDO, 2007, p. 529).

Não há fórmulas mágicas para formar leitores, como afirmou Daniel Pennac (1993), não é possível conjugar alguns verbos, tais como “amar”, “sonhar” e “ler”, no imperativo. Ou seja, não se consegue obrigar alguém a ler. O máximo que conseguimos ao tentar fazê-lo é armar o aluno(a)/leitor(a) com bons motivos para não gostar de antemão de mais uma obrigação, mais uma imposição.

Entretanto, algumas estratégias podem abrir caminhos para despertar o interesse por todo o mundo de aventuras e conhecimento de si e do mundo que os livros propõem. Encontrar as estratégias adequadas para motivar os/as discentes do Curso de Licenciatura em Química do IFG-Câmpus Inhumas, com o auxílio de ferramentas tecnológicas é o nosso desafio nesse trabalho de pesquisa.

Para formar leitores, em primeiro lugar, é preciso respeitar seus “direitos sagrados”, de acordo com Pennac (1993), esses direitos são:

- 1 - O direito de não ler;
- 2 - O direito de pular páginas;
- 3 - O direito de não terminar um livro;
- 4 - O direito de reler;
- 5 - O direito de ler qualquer coisa;
- 6 - O direito ao bovarismo (doença textualmente transmissível);
- 7 - O direito de ler em qualquer lugar;
- 8 - O direito de ler uma frase aqui e outra ali;
- 9 - O direito de ler em voz alta,
- 10 - O direito de calar (Pennac, 1993, p. 139).

A partir da perspectiva de Pennac temos ideia do tamanho do desafio, que é buscar motivar leitores(as) de obras literárias. Daí a busca da construção de um mecanismo tecnológico que levante o perfil socioeconômico e cultural dos/as discentes do Curso de Licenciatura em Química do IFG, nosso objeto de pesquisa, nos dando subsídios para indicar leituras de acordo com o perfil individualizado de cada discente, possibilitando a sugestão de leitura de obras literárias dentro do universo de interesses dos/as discentes.

Todo livro propõe uma viagem e depende da disposição do leitor ou da leitora aceitar o convite ou não. Para que uma obra se realize plenamente, conforme Umberto Eco (1999), citando Coleridge, em um belo livro que une a teoria da literatura e a paixão pela leitura, é preciso que o(a) leitor(a) firme um pacto com o autor e concorde em suspender momentaneamente sua descrença, aceitando os termos propostos pela narrativa, perdendo-se voluntariamente nos bosques da ficção.

Segundo Eco (1999) existem dois tipos de leitores e eventualmente nós desempenhamos um papel ou outro. Ou seja, o primeiro tipo de leitor é aquele que segue a história ansiosamente, pulando páginas de descrição que lhe parecem impertinentes e cansativas, sempre na expectativa de chegar ao desfecho do enredo. Este leitor não se deixa seduzir por sinuosos e belos caminhos laterais.

Há, por outro lado, aquele leitor que aceita o tempo proposto pela narrativa, deixando-se literalmente enredar nas estratégias utilizadas pelo autor; para este tipo de leitor, não importa tanto o final da história, mas as belezas que encontra no caminho, a sofisticação do uso de recuos no tempo e antecipações que, às vezes, assumem o caráter de pistas.

Manguel sugere

uma nova maneira de ler: nem usando o livro como um apoio para o pensamento nem confiando nele como se confiaria na autoridade de um sábio, mas tomando dele uma ideia, uma frase, uma imagem, ligando-a a outra selecionada de um texto distante preservado na memória, amarrando o conjunto com reflexões próprias – produzindo, na verdade, um texto novo de autoria do leitor (MANGUEL, 1997, p. 82).

São infinitas as possibilidades de relação do(a) leitor(a) com o texto, mas para que essa relação se concretize é preciso, em primeiro lugar, que o leitor e a leitora se sintam motivados a ler. Esse é o desafio desse projeto de pesquisa encontrar formas de motivação para a leitura literária com o auxílio de ferramenta tecnológica.

4 CONCLUSÕES

Embora estejamos nos primeiros passos na construção de um sistema tecnológico de construção do perfil socioeconômico-cultural dos discentes do curso de Licenciatura em Química do IFG-Câmpus Inhumas, já identificamos que a falta de tempo para a leitura é uma das principais alegações dos/as discentes para não ler as obras literárias do acervo da biblioteca do IFG-Câmpus Inhumas.

Para modelagem de um banco de dados com dicas de leitura literária conforme perfil do/a discente, necessita-se de mais estudos socioeconômico-cultural, bem como, de raça e de gênero desse público, e também aprofundamento teórico sobre processos motivacionais.

Outra necessidade também já apreendida no processo de pesquisa é a de proporcionar momentos de leitura literária no espaço escolar, incluindo o ambiente da biblioteca. Momentos esses que vão além dos estabelecidos na matriz curricular do Curso de Licenciatura em Química e que nos possibilitarão compreender melhor nosso universo de pesquisa.

BIBLIOGRAFIA

ALBERNETHY, M. (2010). *Mineração de Dados com Weka*,_Parte 1: Introdução Regressão. Product Development Manager, Optimal Auctions. [Acesso em: 08/08/2014].

BARBOSA, J. J. (1994). *Alfabetização e leitura*. São Paulo: Cortez.

BARTHES, R. (2002). *O prazer do texto*. São Paulo: Perspectiva.

BESSA, D. D. (2006). *Teorias de comunicação: técnico em multimeios didáticos*. Brasília: UnB. (Profucionário: curso técnico de formação para funcionários da educação).

BLOOM, H. (2001). *Como e por que ler*. Rio de Janeiro: Objetiva.

BRANDÃO, C. R. (2007). *O que é educação*. São Paulo: Brasiliense, (Coleção Primeiros Passos; 20)

BRITTO, L. P. L. (2003). "Sociedade de cultura escrita, alfabetismo e participação". En: RIBEIRO, V. M. (Org.). *Letramento no Brasil*. São Paulo: Global Editora.

CANDIDO, A. (2007). *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos (1750-1880)*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 11^a.ed.

CHARTIER, R. (1996). *Práticas da leitura*. São Paulo: Estação Liberdade.

DEMO, P. (2006). *Leitores para sempre*. Porto Alegre. Mediação.

ECO, U. (1999). *Seis passeios pelos bosques da ficção*. São Paulo: Companhia das Letras.

FREIRE, P. (2006). *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Cortez.

GONÇALVES, E. C. (2013). *Data Mining - Novos Recursos Nos Sistemas de Banco de Dados*: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. [Acessado em: 08/08/2014].

MACHADO, A. M.(2002). *Como e por que ler os clássicos universais desde cedo*. Rio de Janeiro: Objetiva.

MANGUEL, A. (1997). *Uma história da leitura*. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras.

MARX, K. (1983). *Contribuições à crítica da economia política*. São Paulo: Martins Fontes. 2^a. ed.

PAULINO, G. et al. (2004). "Formação de leitores: a questão dos cânones literários". *Revista Portuguesa de Educação*, Braga, vol.17, núm. 1, pág.47-62. [Acesso em: 10/09/2014].

PENNAC, D. (1993). *Como um romance*. Rio de Janeiro: Rocco.

PUCCI, B. (2008). "Tecnologia, crise do indivíduo e formação". En: MOREIRA, A. S; PUCCI, B; ZAMORA, J. A. *Adorno: educação e religião*. Goiânia: Ed. da UCG.

SISTO, C. (2012) "A literatura pode ser útil e gostosa". En: *Mundo Jovem: um jornal de ideias*, vol. 50, núm. 429, pág. 12, ago.

TODOROV, T. (2009). *A literatura em perigo*. Rio de Janeiro: Difel.

VERGARA, S. C. (2003). *Gestão pessoas*. 3. Ed. São Paulo: Atlas.